



1. Se eu não puder dançar, não é a minha...

2. Mulheres que foram queimadas por terem o conhecimento da cura pela natureza, por saber ler, por fazer coisas que não lhe eram permitido, eram chamadas de?

3. Estar entre nossos pares, isso nos gera fortalecimento... (quase um sinônimo, rs).

4. Como se chamou o grupo que protagonizou na Revolução Espanhola?

5. Aquilo que é bom fazer sozinha e que nos enche de PRAZER?

6. Uma ferramenta poderosa de AUTODEFESA, que só tem crescido no meio feminista, que revela uma autonomia em relação a polícia/estado e que os machos morrem de medo de serem alvo?

7. Movimento que luta contra qualquer autoridade e autoritarismo (estado, divindades, pai, macho, líderes...)?

8. Nome dado a luta contra o sistema patriarcal?

Bruxonas Colaboradoras
 Bruxa Aqui, Bruxa Lá- Luz Anarquia (Costa Rica)
 Bruxa, Arte da Capa- Vine (Bahia)
 Demais Textos- Potira (Sergipe)

RESPOSTA: 1. REVOLUÇÃO 2. BRUXAS 3. EMPoderAMENTO 4. MULHERES LIBRES 5. SIRIRICA 6. ESCRACHO 7. ANARQUISMO 8. FEMINISMO

BRUXAS

#1
JUL 2016



Distribuição gratuita

ANARKAS



Somos QUEM?

Somos Bruxas Anarkas, livres, rebeldes, desobedientes a qualquer ordem/lei, a qualquer tradição opressora, a qualquer hierarquia, a qualquer mestre, líder, patrão, padrão, machão...

Somos todas e todxs quelxs que lutam diariamente contra a violência patriarcal que insiste em nos matar aos pouquinhos ou de vez mesmo.

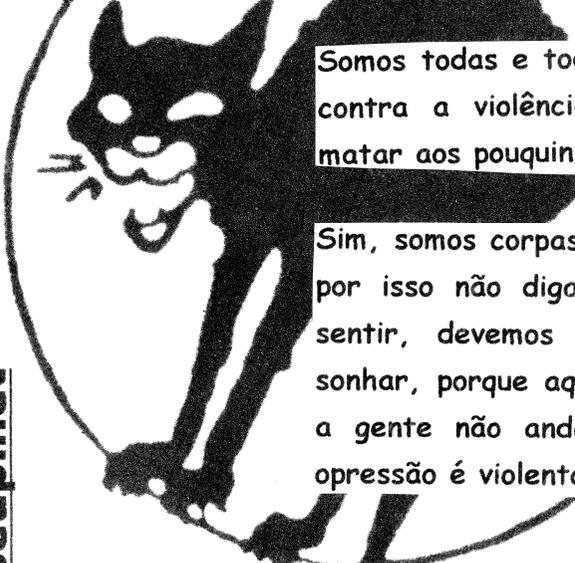
Sim, somos corpas em revoltas, revoltas em corpas, por isso não diga o que devemos fazer, devemos sentir, devemos vestir, devemos falar, devemos sonhar, porque aqui o ódio corre solto, porque aqui a gente não anda só, porque aqui a resposta a opressão é violenta sim.

Gostamos muito de nos juntar pra fazer bruxaria coletiva e encher nossa porção 'mágica' de empoderamento e assim ter força pra dar continuidade as bruxarias solas, que não são poucas não... pedalar, dançar, costurar, cozinhar, pixar, escrever, cantar, siriricar, amar, trocar, tocar, gritar... vixe é muita coisa, é sem fim essa lista, porque temos desejos e corpos múltiplos.

Bruxas e Bruxes Livres, se bateu algo aí em você ao ler isso, então é nós por nós mesmxs, bora se conectar e fazer bruxarias anárquicas!!!

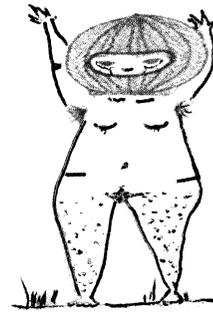
OBS: Aqui nossas escritas partem de nossas experiências. Aqui também vai ser um espaço para o processo de elaborar os sentimentos e pensamentos no próprio ato de escrever.

libertarias@riseup.net



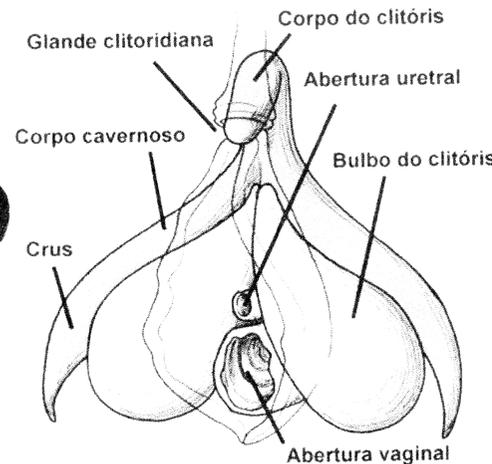
Você já se focou hoje?

Ui siririca



Sabendo então que o clitóris é como se fosse o topo de uma pirâmide, quando nos estimulamos e assim nos excitamos o conjunto inteiro se incha, aumenta de volume, pronto é prazer certo!!

Aqui ó:



Então né...bora pra prática...bora conversar com xs azamigxs!!!

Pense em algumas dúvidas e curiosidades e se junte com umx ou mais amigx para trocar essa ideia, que tal??



Isso porque o prazer também é uma construção social, o que quer dizer, que posso desconstruir tudo que já ouvi sobre siririca, e também construir a partir de agora por meio da leitura, conversas com azamigxs e o próprio siriricar uma outra relação com o clitóris.



Talvez a mesma barreira que se tem em falar nesse assunto é o mesmo que impede de você se tocar ou de chegar na siririca orgásmica.

Porque se fosse diferente desde daquela primeira vez que nos tocamos e que fomos reprimidxs, poderíamos ter nos sentido encorajadxs a continuar, e continuando haveria outras curiosidades nessa busca dos prazeres, o que poderia facilmente aparecer em nossas rodas de conversas de adolescentes, adultxs e velhice, esse é um tema que passa por todas as gerações.

Educação sexual é também falar do funcionamento dos corpos quando estão mergulhados em desejos.



@SUNSAVARA



se eu não Puder DANÇAR não é a Minha REVOLUÇÃO



"Nos bailes, eu era uma das mais alegres e cheias de energia. Uma noite, um primo de Sasha, um garoto jovem, me puxou de lado. Com uma expressão grave, como se fosse anunciar a morte de um companheiro querido, ele sussurrou que não convinha a uma agitadora ficar dançando. Com certeza não convinha com um tal abandono. Não era uma atitude digna para quem estava para se tornar uma força no movimento anarquista. Minha futilidade apenas mancharia a causa. Eu fiquei furiosa com a interferência sem pudor do garoto. Eu falei para ele cuidar da própria vida e disse que estava cansada de jogarem a causa toda hora na minha cara. Eu não acreditava que uma causa que defende um ideal tão lindo, o anarquismo, a liberdade e emancipação das convenções e do preconceito exigisse a negação da vida e da alegria. Eu enfatizei que nossa causa não poderia esperar que eu fosse uma freira e que o movimento não deveria se tornar um mosteiro. Se fosse isso, eu não o queria. Eu quero a liberdade, o direito à livre-expressão, o direito de todos às coisas bonitas e radiantes! Para mim, o anarquismo era aquilo e eu viveria o anarquismo a despeito de todo mundo - prisões, perseguição, tudo. Se eu não puder dançar, não é a minha revolução".

Emma Goldman, 1931, retirado da autobiografia "Vivendo Minha Vida".

Goldman tinha razão, é impressionante como o **MOVIMENTO** é uma das primeiras coisas arrancadas de nós, vamos crescendo e cada vez menos nos mexendo, nos exercitando.

A começar pelas brincadeiras ditas de meninas (casinha, boneca, panelinha, escolinha), já as brincadeiras ditas de meninos (bola, correr, bicicleta, skate), sim é verdade que há também brincadeiras de movimentos energéticos nas ditas de meninas (elástico, corda, rodas/cirandas...).

Mas o problema é que quanto MAIS crescemos (e vejam que o crescimento é medido conforme as quantidades dos afazeres domésticos que já se sabe fazer), MAIS trancafiadas no LAR ficamos, sendo obrigadas a ser **BELAS** e **REGATADAS**.

Por isso bora se movimentar, dançar, correr, pular, gritar loucamente!!!



Que PAPO é ESSE DE

SOLIDÃO ESCOLHIDA X SOLIDÃO IMPOSTA???

Não sei bem que papo é esse, pode sair confuso ou não, mas quero iniciar ele por aqui mesmo, entre aquelas que talvez vivem ou viveram essas solidões...

Esse papo começou a me rodear quando fiz uma mudança de estado, saindo de perto das bruxonas, dos lugares que me tornavam bruxona, das ruas que sabia que corria menos ou mais perigo, dos lugares onde meu corpo não era estranho por sempre me verem passar por lá, de passar e ser acolhida com um salve, um oi ou um sorriso, e saberem que eu não andava só (o bonde quando anda junto, sai de perto viu.).

Um dia conversando com uma amiga sobre a solidão que estava sentindo em estar em um lugar novo, conservador, onde quase não se vê pessoas diferentes, e que o estar longe das amigas e de tudo aquilo que até então eram responsáveis para me sentir bruxona, estava sendo foda de viver. Fomos desenvolvendo essa ideia de SOLIDÃO e chegamos na reflexão que: havia a escolha por estar só, ou a escolha de estar em um lugar onde estará só por uns tempos, até fazer novos laços de afetos e luta, como também havia a imposição de isolamento caindo assim no calabouço da solidão.

Interessante porque posso estar sozinha na solidão, mas curtindo o ser tão só, ou está vivendo sozinha a solidão de forma muito violenta, ou está vivendo sozinha na solidão do patriarcado, ou está vivendo coletivamente na solidão do patriarcado.

Parece que há um movimento instigante a parar para observar, quando falamos da solidão que o sistema patriarcal força para nós, corpos não normativos, é disso que falamos: da SOLIDÃO

Siririca Orgásmica

Você já se tocou hoje? Ui siririca é uma delícia!

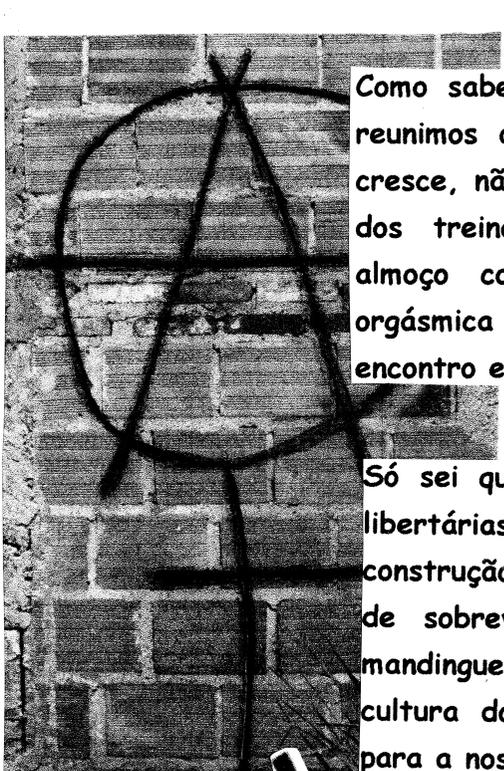
Quem toca siririca é aquela pessoa que tem clitóris ou que reivindica esse nome para seu autoprazer.

Desde que percebi a potência que é falarmos sobre siririca não parei mais. Falar disso é falar de nossos desejos, é falar de nossa corpa, é falar de descobertas e sentimentos, é romper com o silenciamento imposto entre eu e meu clitóris, entre eu e os prazeres que estão em mim.

É muito foda se dar conta de que várias de nós tem uma barreira enorme nesse assunto. Pare e pense: Com quem você já conversou sobre siririca?

Essa barreira obviamente não foi construída por nós, e sim por essa sociedade machista onde a sexualidade das corpas não normativas não tem vez, não são ativas, mas aqui estamos pra contar outra história, a história de que podemos sozinhas com nossos dedinhos chegar a prazeres orgásmicos!

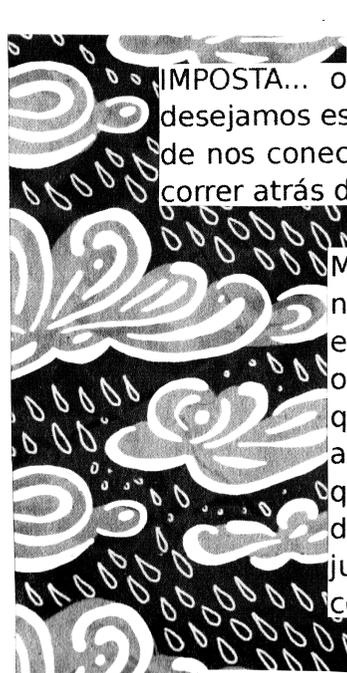
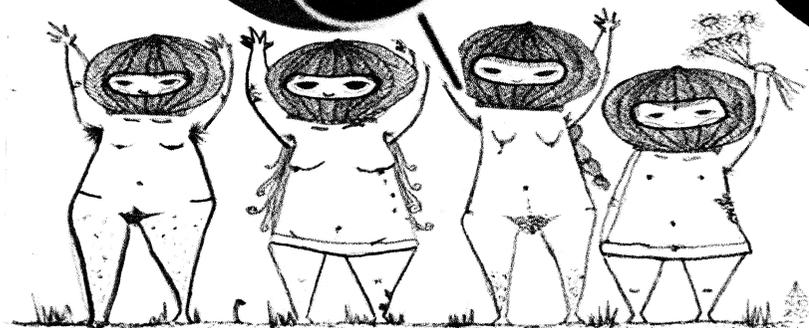




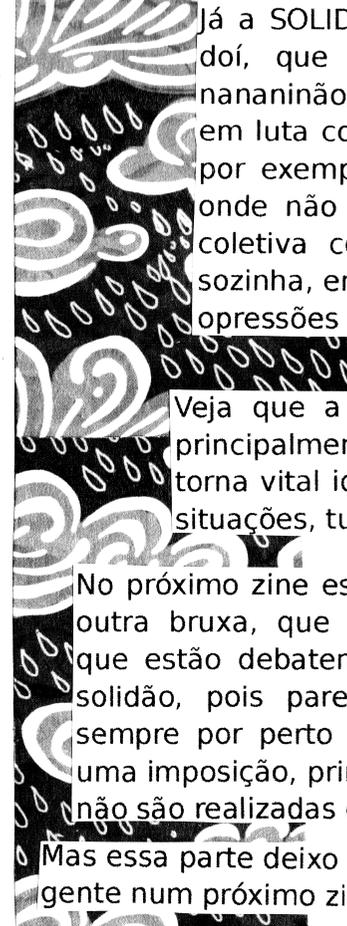
Como sabemos bem, que quando nós bruxonas nos reunimos o desejo de se reencontrar de novo só cresce, não é? ...Por isso marcamos encontros fora dos treinos para que os afetos crescessem... almoço coletivo, festinhas, oficinas de siririca orgânica e de construção de berimbau...E a cada encontro era muito SOMridade tocada!!!

Só sei que o tempo de vivência com(o) angoleiras libertárias me tornou mais bruxona...por estar na construção com outras mulheres, das possibilidades de sobrevivências cheio de afetos, com corpas mandingueiras, construindo através da ação, da cultura do encontro relações com portas abertas para a nossa libertação. E é verdade que,

"Temem a nossa união
Pois seus privilégios se vão
Sabendo da força da libertação
Adeus cultura do machão."



IMPOSTA... onde isola a gente das pessoas que desejamos estar perto, separa a gente dos lugares e de nos conectarmos, afasta a gente de sonhar e de correr atrás dos nossos sonhos.



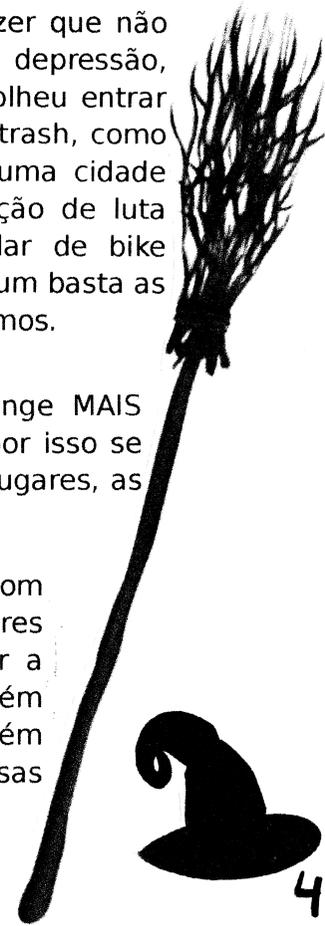
Mas me traz fortaleza quando penso que quando nos damos conta dessa solidão do patriarcado, por exemplo, (aqui poderia ser qualquer outra opressão), que é imposta coletivamente, o que não quer dizer que é o mesmo peso e medida, (porque as opressões vão se acumulando a partir da medida que se tem menos privilégios), abre a possibilidade de destruição em gangue da solidão imposta, todxs juntxs, o que quer dizer que passamos a combatê-la com muito ódio organizado.

Já a SOLIDÃO ESCOLHIDA...não quer dizer que não doí, que seja fácil de não cair na depressão, nananinão, só quer dizer que você escolheu entrar em luta contra algumas coisinhas bem trash, como por exemplo, se mudar de casa para uma cidade onde não se tem experiência/organização de luta coletiva contra o patriarcado, ou andar de bike sozinha, enfim, quando escolhemos dar um basta as opressões em qualquer lugar que estejamos.

Veja que a solidão imposta ela nos atinge MAIS principalmente quando estamos fracxs, por isso se torna vital identificarmos as pessoas, os lugares, as situações, tudo que **nos torna BRUXONX!**

No próximo zine esperamos fazer esse debate com outra bruxa, que está convivendo com mulheres que estão debatendo a importância de encarar a solidão, pois parece que o precisar de alguém sempre por perto para fazer as coisas é também uma imposição, principalmente quando essas coisas não são realizadas quando se está só.

Mas essa parte deixo pra ela contar e refletir com a gente num próximo zine.



bruxas

ANARQUIAS



bruxa em
qualquer lugar

MUJERES QUE

VIVEN SUS VIDAS



PURA
VIDA

A vivência de estar fora do país e descobrir outros caminhos de sororidade é vitalizador mais não é fácil. No começo me sentia muito sozinha. Desempoderada, enfraquecida... longe das minhas amigas, irmãs, bruxas, loucas afetadas. Pensava que de repente hora minha vontade de romper com os padrões e de atuar anarquicamente na vida estava acabando... Vim para uma região que nunca havia escuto bem... América Central... o único que sabia sobre esse valiosa faixa de terra e de vida era que estava mais perto do inferno imperialista Estados Unidos... E a piada muitas vezes aplicada para México se estendia por todo continente mesoamericano... "que pena, tão longe de deus mas tão perto dos Estados Unidos" ...

Vim para Costa Rica, um país que carrega o mito da paz, "conhecido como Suíça da América Latina". Cheguei e vivi um choque cultural. O bairro que vim morar com suas ruas tranquilas, no começo não sabia onde estava o povo. Eu vim comecei a estudar na universidade, de pronto pensava: "lascou-se me meti em uma bolha, aqui também não sinto que é espaço do povo".

Bruxa aqui,
bruxa lá,



O **aquecimento** era um momento de despertar o corpo e o nosso lado bruxão, rs. O interessante desse momento é que refletia a pessoa que puxava, se ela fazia ioga, tinha ioga no aquecimento, se ela fazia teatro, tinha dinâmicas teatrais. Assim cada uma deixava seu jeitinho, e aquela que não tinha tido experiência com o corpo ia aprendendo lá mesmo e assim no próximo já podia repassar o que aprendeu. Pois é...



Com rabo de arraia e **negativa**
Driblamos a cultura patriarcal

Que querem nossas corpos domesticadas

Desistem, pois estamos arretadas.

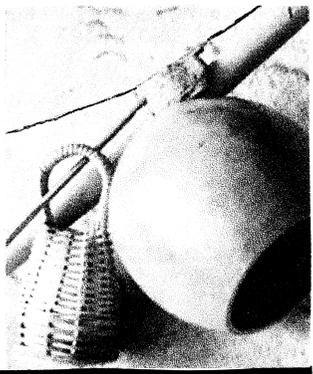
Os **treinos** eram assim: quem sabia passava e quem não sabia aprendia hoje pra passar amanhã, assim mesmo. A gente ia praticando a desconstrução do especialista e caminhando para o empoderamento do que sei. Desse jeito percebia que a gente acabava aprendendo na perspectiva da autogestão, do aprender para contribuir na manutenção do projeto, trazer pra você a responsabilidade.



A **roda** era o momento em que aprendíamos a tocar os instrumentos, a criar letras próprias de música que nos inspirassem nessa constância de se tornar bruxona todos os dias. Como pode né, a música ser uma ferramenta poderosa de nos mobilizar para ação, para a indignação, esse era o papel das músicas das angoleiras... acendia uma chama forte dentro da gente, a gente canta(va) com gosto.



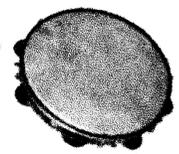
A dinâmica das angoleiras libertárias foi se fazendo e refazendo a cada encontro, e isso era o que me motivava acreditar que lá poderia ser uma grupa, na qual eu me sentisse a vontade e com vontade de despendar minha energia e assim me colocar na disposição da construção de uma capoeira libertária, de uma experiência feminista com princípios libertários, mesmo que o sentido de libertária fosse tão amplo e muitas vezes desconhecidos por quem lá passasse, mas que o encontro, a ação, o estar juntas revelava o significado de cada uma para aquela vivência. É, realmente a prática é reveladora!!!



A cada revelação íamos nos dando conta das diferenças, mas querendo dar mais foco nos pontos de encontros, naquilo que nos uniam. Esses pontos de encontros eram: O estar juntas com outras mulheres, o aprender com e entre mulheres, a tentativa de que nossos espaços fossem seguros, que a autonomia e a independência fosse nosso horizonte... Realmente saíamos mais bruxonas de cada encontro. Por isso né...

"Vamos jogar capoeira, Pois autodefesa é bom, Gera Autonomia e Libertação Das garras da submissão."

Cada treino era puxado por duas a três mulheres e isso gerou muitos aprendizados, iniciávamos com o aquecimento, depois o treino de golpes e contra golpes, mandinga e pra encerrar uma roda babadeira com tudo que era possível.



Pura Vida Será?

Chorava quase todos os dias. Ironicamente não conseguia mais me ver como anarquista, estava vivendo outra coisa alienante, um vazio existencial, um tipo de banzo. . . .

Então fui buscar, fui aqui em busca das outras loucas, bruxas, das putas, das afetadas, das peludas, das aborteiras, das mães solteiras, das negras, das indígenas... fui em busca de afetividades, de corpos plurais, de sororidade, porque a final é bem verdade que não somos iguais, que não somos somente "mulher", que não sofremos do mesmo jeito, nem do mesmo entronco patriarcal... mas podemos juntas nos fortalecer dentro das diferenças!!

Com as ervas, os banhos, o cuidado através da massagem e automassagem, com a ligação com os orixás (mesmo não sendo bruxa, aqui a bruxa sou eu me sentindo mulher negra empoderada que se rebelou contra o racismo, misoginia e patriarcado, que se fortalece, depois das lágrimas, depois da dor. Quereria comentar que a bruxaria aqui na Costa Rica tem vários nomes... e um deles é **La Tule**. Tenho crescido ao lado delas e espero continuar crescendo em qualquer território nesse mundo!

Porque a rebeldia, a luta feminista e a cura não têm

FRONTEIRAS

Fuertes

MUJERES

UMA IDEIA RADICAL FEMINISMO NEGRO

DANIELA CAROLINA DE JESUS

UTA BRUXA NEGRA

LA TIERRA

6

VIVÊNCIAS COMO ANGOLEIRA LIBERTÁRIA

Capoeira Libertária? Mas pode isso?

Tudo começou assim com a indignação de algumas

mulheres que faziam ou já tinham feito capoeira

angola, mas que estavam fartas de serem alvo de

machismo, de terem seus corpos invadidos por

olhares machulentos ao fazer um rabo de arraia ou

por usar a roupa que lhe sentiam bem para treinar

(uma calça leg, por exemplo), fartas por nunca

"serem boas" de mais na capoeira, fartas de que o

instrumento que ficava a sua disposição era um

agogô, um reco-reco e no máximo um pandeiro,

raramente, mas muito raramente um berimbau caia

em sua mão...E assim elas resolveram se juntar, se

não me engano já haviam tido, a um tempo atrás, a

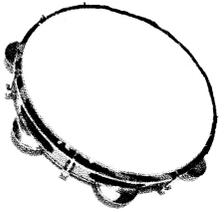
experiência de ter feito capoeira só com mulheres,

e que agora estavam tentando retomar. Então se
liga:

"Nosso papo é muito sério
Vamos chamar as mulheres
Pra construir essa Luta que é dura
Autodefesa e Armadura."



Quando recebi o convite de uma bruxona de fazer parte desse grupo de capoeira só de mulheres (trans e cis), fiquei bem mexida, fiquei com uma vontade enorme, mas com receio de que lá só se diferenciasse por ser uma grupa de capoeira de mulheres, na sua maioria feministaS (coloco o feminista no plural, por sabermos da pluralidade de feminismos que existem) e que não questionasse outras questões da capoeira, que eu como anarkafeminista questiono (hierarquia, mestre, opressões naturalizadas com o papinho que é tradição.).



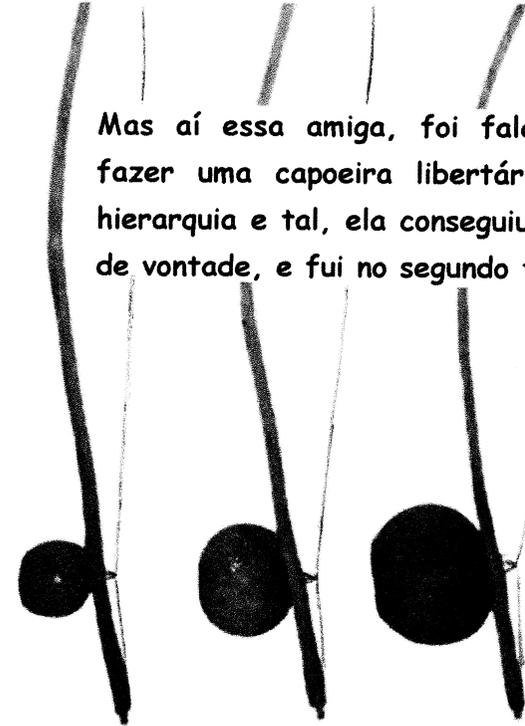
Mas aí essa amiga, foi falando que a ideia era fazer uma capoeira libertária, sem mestre, sem hierarquia e tal, ela conseguiu me deixar toda cheia de vontade, e fui no segundo treino pra conhecer.

~~Opressora~~

se QUESTIONA?!

Tradição

Não



Chegando lá num espaço aberto, vi um monte de gatas reunidas e por motivações diversas em estar lá para experimentar aquela vivência de capoeira angola, sem mestre, sem música machista, com corpos movimentando livremente, uma capoeira diferente daquelas que eu até então havia conhecido.